VISÃO DO CORREIO

Contra a violência nos estádios

O futebol é uma paixão nacional e, muitas vezes, palco para a catarse dos problemas que afligem os brasileiros no dia a dia. Não há dúvida quanto a isso, mas, cada vez mais, o esporte bretão tem se tornado espaço para violência, seja nas arquibancadas, seja nas invasões de centros de treinamento e ameaças a jogadores e treinadores, com atitudes intimidadoras. É preciso conter manifestações de violência. Há muito dinheiro e milhões de brasileiros envolvidos com a prática desse esporte no país, que tornou o Brasil um dos maiores campeões do mundo, brilho que vem perdendo em competições diante de adversários internacionais.

Episódios como os verificados na partida entre Santos e Corinthians, na Vila Belmiro, em São Paulo, e no jogo entre Vasco e Goiás, em São Januário, no Rio de Janeiro, com torcidas organizadas atirando sinalizadores contra adversários, arrancando cadeiras da arquibancada para arremessar no campo, briga entre torcedores e confronto com a polícia não são, infelizmente, novidades no futebol brasileiro. E, mais uma vez, a punição parece branda e insuficiente para coibir novos atos. Vasco e Santos, mandantes das partidas da semana passada, jogam agora sem torcida, deixam de faturar com bilheteria, mas não perdem direito de imagem. Os torcedores ficam impedidos de ver seu clube no campo, mas não deixam de assistir pela TV. E os verdadeiros responsáveis pelos atos de selvageria ficam impunes ao receberem a mesma punição que os demais torcedores.

É preciso que clubes revejam a relação que mantêm com suas torcidas organizadas e as autoridades assumam que não é possível considerar que sejam atos isolados. Não dá para esperar que uma tragédia ocorra para tomar providências, como na Inglaterra nos anos 1980 com os torcedores ingleses, conhecidos como hooligans. Em 1985, um confronto entre eles e italianos, na final da Liga dos Campeões da Europa, entre Liverpool e Juventus, deixou 39 mortos e cerca de 450 feridos. Os clubes ingleses foram proibidos de participar de competições internacionais por cinco anos. Pareceu pouco. Em 1989, em um jogo do campeonato inglês, entre Liverpool e Nottingham Forest, a superlotação de um espaço cercado provocou a morte de 96 pessoas por esmagamento e deixou outros 766 feridos, num dos maiores desastres do futebol mundial.

Para impedir novas ocorrências, o governo de Margaret Thatcher, então primeira-ministra, decidiu proibir o consumo de bebidas nas dependências dos estádios e determinou a transformação da conduta desordeira nos estádios e arredores em crime, além de obrigar a adoção de cadeiras numeradas nos estádios e o aumento do valor dos ingressos. O resultado salta aos olhos com o campeonato inglês sendo considerado hoje um dos melhores do mundo. Nem de longe imaginamos que no Brasil se chegue ao grau de violência promovido pelos hooligans, mas não se pode esperar por isso. É nesse sentido que é preciso agir para evitar que ocorrências esporádicas não se tornem prática comum, elevando o grau de violência pela omissão das autoridades.

Ainda que não exista correlação direta, foi a partir do fim da violência nos estádios que o futebol inglês passou a se destacar. Quem sabe, trazendo o exemplo de medidas adotadas lá, o Brasil comece a dar nova estrutura para os clubes e suas torcidas de forma a eliminar a ação de bandidos travestidos de torcedores, que, em lugar de apoiar seus times nos momentos mais difíceis, partem para as agressões. É preciso identificar e punir esses vândalos que transformam em batalha a atitude de torcer.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Flerte com o perigo

Um mórbido e estranho fascínio pelo Titanic, uma paixão desmedida pela aventura, uma necessidade incontida de desafiar os próprios limites, de ousar e ir sempre além, muitas vezes sem pesar os riscos pelo caminho. Elementos determinantes para o destino trágico dos tripulantes do submersível Titan, que implodiu no último dia 18, cerca de 1 hora e 45 minutos depois de iniciar a descida de 3.800m no Atlântico Norte.

Talvez as características não se encaixassem muito bem no mais jovem, Suleman Dawood, 19 anos, filho do executivo bilionário Shahzada, 48, um dos homens mais ricos do Paquistão. Suleman, que teve o lugar no Titan cedido pela mãe, estava apavorado, momentos antes da viagem sem volta, segundo relatos de familiares.

Paul-Henry Nargeolet, o maior especialista em Titanic, era totalmente acostumado à jornada até os restos do transatlântico. Esteve lá por mais de 30 vezes. “Ele está no lugar que mais ama”, resumiu a filha Sidoni Nargeolet, 39.

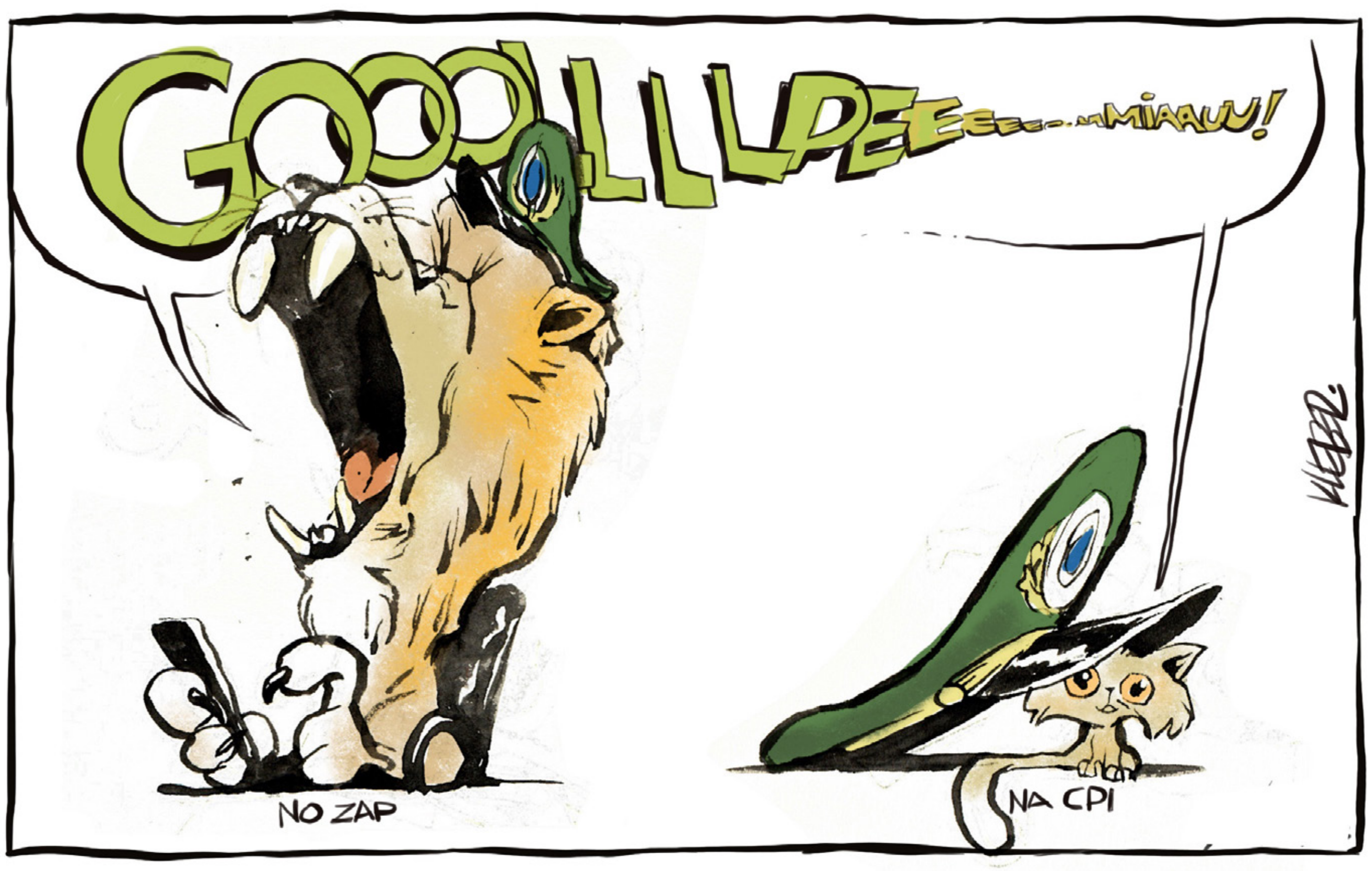
O britânico Hamish Harding, empresário da indústria da aviação, havia mergulhado nas Fossas Marianas, o ponto mais profundo dos oceanos, cruzado ambos os polos da Terra e visto o planeta do alto a bordo da Blue Origin, a espaçonave criada pelo magnata Jeff Bezos. O quinto tripulante do submersível era Stockton Rush, dono da OceanGate e responsável direto pelo Titan.

Ao que tudo indica foi uma tragédia anunciada. Rush desprezou alertas sobre a segurança vulnerável do Titan, construído com uma mistura pouco comum de titânio e fibra de carbono. Em vídeo, zombou de regulações que, tivessem sido seguidas, talvez tornassem a jornada até o Titanic mais segura. Os tripulantes assinaram um termo de responsabilidade bastante questionável, no qual isentavam a OceanGate, inclusive de morte produzida por eventual negligência da companhia.

Talvez a curiosidade e a tal paixão inexplicável pelo Titanic tenham levado Paul-Henry, Hamish, Shahzada e Suleman a ignorarem todos os riscos, talvez pelo fato de algo tão terrível jamais ter ocorrido com o submersível.

Na viagem que antecedeu a trágica jornada, o empresário Arthur Loibl, que tinha pagagado US$ 150 mil, ficou preocupado com recentes falhas no sistema de navegação. Em entrevista ao **Correio**, relatou o extremo desconforto a bordo do Titan e sugeriu que seriam necessários mais uns dois anos até que a OceanGate fosse capaz de oferecer a viagem perfeita até o Titanic.

Se não tivesse embarcado no Titan, provavelmente Stockton Rush estaria preso. A ganância cobrou o preço de cinco vidas, incluindo a dele mesmo. E impôs luto às famílias que perderam pais, maridos e filhos.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Direito e justiça

O Estado é o agente institucional que, de posse dos mecanismos do direito público, regula a sociedade em vista da vida bem ordenada, de modo a permitir que as pessoas e a comunidade possam florescer e amadurecer. Como nos recorda a máxima clássica, o bem comum é, de fato, o maior bem dos indivíduos. Ulpiano (150-223), deixa claro, em famoso texto, que o objetivo do direito, e de toda a arte dos jurisperitos, é o de melhorar os homens, fazendo com que ajam de maneira mais digna e nobre. A definição clássica do direito expressa essa concepção: é a arte do bom e do justo. A lei deve induzir os indivíduos à boa conduta, visto que a grande maioria se move apenas em razão do medo do castigo. Sendo a lei um preceito da razão, ela necessariamente ordena; e o faz em vista do fim que é o bem comum. São Tomás de Aquino (1225-1274) reforça isso ao dizer que o objetivo da lei é educar os homens gradativamente na virtude, fazendo com que, pouco a pouco, elevem o nível de seus costumes. Ruy Barbosa (1849-1923) lembra a importância do respeito à lei: “Não há civilização nacional enquanto o direito não assume a forma imperativa, traduzindo-se em lei. A lei é, pois, a divisória entre a moral e a barbárie”. Tem razão o Águia de Haia ao recordar que todos os cidadãos devem respeitar as decisões judiciais. Mas é fundamental que o Poder Judiciário respeite, além das leis, o cidadão que entrega seu destino, nos planos pessoal e social, ao aparelho judicial. E, muitas vezes, essa confiança não vem sendo correspondida. Tem-se visto uma contínua invasão de competências, com excessivo protagonismo judicial, como se a lei nascesse da cabeça do magistrado. Quando os juízes não aplicam a lei, há um claro desrespeito ao cidadão e ao país. Devemos, sim, todos os brasileiros, respeitar a Justiça — e esperar, na mesma medida, que ela respeite cada um do povo.

» **Marcos Fabrício L.da Silva**
Asa Norte

Justa punição

O ex-presidente cobra do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) uma decisão justa. Ora, como exigir isso se ele achincalhou o TSE, seus ministros e o sistema eleitoral que, por 27 anos, o manteve na Câmara dos Deputados? Usou palavras chulas contra os ministros, duvidou da masculinidade de todos, disparou de próprio punho e por meio de seus asseclas, uma série de fake news contra o Judiciário. Um dos seus filhos disse que bastava um soldado e um cabo para fechar a Alta Corte do país. Promoveu atos contra a democracia, incitou seus seguidores a serem violentos. Aprontou o que bem entendeu de maneira grotesca, sem contar as suspeitas de corrupção que o circundam e a seus filhos. Aliás, o Carlos Bolsonaro está em maus lençóis, como vereador do Rio de Janeiro, suspeito de rachadinha,o que não está em jogo neste momento. O TSE, a meu ver e, com certeza, no de milhares de outros brasileiros, deverá tornar o ex-presidente inelegível, a fim de que a punição seja exemplar e inibidora de outros aventureiros que tenham a pretensão de romper com o Estado democrático de direito e ressuscitar a ditadura. Ditadura, nunca mais.

» **Leonora Lima**
Núcleo Bandeirante

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Fato inusitado: em seis meses no poder, Lula encontrou-se cinco vezes com o presidente da Argentina. Qual o interesse do argentino?

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Lula deveria se preocupar mais com o Brasil do que ajudar a Argentina. Los hermanos não são tão hermanos assim.

Maria Lúcia Pereira — Asa Norte

Mauro Cid tem silêncio garantido na CPI. Não tem importância. Seu celular carrega bons discursos, que a todos incrimina.

Joaquim Honório — Asa Sul

Parlamentares que não fazem parte da CPMI do 8 de Janeiro tornaram o espaço um circo de mal-educados.

Ana Cristina Lopes — Octogonal

Atire a primeira pedra

“Disse Jesus: “Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último.” Lembrei-me dessa passagem bíblica ao assistir à sessão de hoje da CPMI do 8 de janeiro. Tanta arrogância, tanta grosseria, tanto desprezo, tanto desrespeito, tanto dedo em riste, tanta acusação…Será que suas excelências têm comportamento ilibado que permita qualificá-los como moralmente idôneos? Como são duros em julgar os outros! Esquecem que o mundo dá voltas. E se um dia estiverem sendo julgados com o mesmo rigor e desrespeito com que o fazem hoje? E se forem tratados com ironia, deboche e desprezo tal como trataram o depoente de hoje? Lamentável. Triste. Não é o Brasil que queremos.

» **Maria Luiza Dalledone Machado**
Asa Sul

Autoridade moral

Excelente, duro e irretocável, o artigo do jornalista Severino Francisco(27/6) repudiando, enfaticamente, os farsantes, esmeradas e cretinas vestais grávidas, do Partido Liberal(PL) que ingressaram no Conselho de Ética da Câmara Federal contra um grupo de deputadas, do PT e do Psol, que se insurgiu contra a aprovação do marco temporal de terras indígenas. Para Severino, o medonho e nada republicano texto aprovado é “uma trapaça jurídica para surrupiar os indígenas”. O jornalista acrescenta, com algumas indagações. Cito duas delas: “Que autoridade moral tem o PL, partido que que se tornou reduto e abrigo de golpistas, para falar em quebra de decoro parlamentar? Que autoridade moral tem um partido que apoia os maiores farsantes e comediantes da cena política?”.

» **Vicente Limongi Netto**
Lago Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax. (61) 3214.1205 - **Sucursal São Paulo**: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar – Jardim Paulista – CEP: 01403-000 – São Paulo/ SP, Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadossp@uaigiga.com.br. **Sucursal Rio de Janeiro**: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar – São Cristóvão – CEP: 20940-200 – Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalrj@uaigiga.com.br. **REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo** – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto – CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilcomunicacao.com.br. **Região Sul** – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 – Menino Deus – CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrm@hrmmultimidia.com.br. **Regiões Nordeste e Centro Oeste** – **Goiânia:** Êxito Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C 2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones:62 3085-4770 e 62 98142-6119. **Brasília:** Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D – 15º andar – Ed. Oscar Niemeyer – salas 1502/3 – CEP: 70.316-900 – Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. **Região Norte** – Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K – Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e D.A Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: **3342-1000**

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 4,00**	**R$ 6,00**

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R$ 837,27
360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Agenciamento de Publicidade